

# O IDEAL

JORNAL LITTERARIO E SCIENTIFICO

ORGÃO DOS ALUMNOS DO "INSTITUTO DE HUMANIDADES"

... mais il est permis même au plus faible  
d'avoir une bonne intention et de la dire.  
V. HUGO.



Publicação quinzenal

ENCARREGADOS DE REDACÇÃO:  
Leonel Chaves, José Carvalho e Fiuza de Pontes.

Numero avulso 100 rs.



## MONSENHOR GRAÇA

*Sapiens in populo hæreditabit honorem.* A veneração do povo será a herança do sabio.

Os alumnos do « Instituto de Humanidades » oram; não só oram, mas oram com intensissima, incomprehensivel perda; não contentes com o somente, experimentam também o amor em oblações grandiosas de fervor enthesouradas de saudades, intimas de affectos.

As lagrimas nos rebentão a flux. O' morte, como és cruel, e inexoravel inimiga da felicidade dos mortaes!

Como arrebataste tão prematuramente o bemfeitor da humanidade; o homem de talento, o austero observador das mais prolificas virtudes!!

Nós o tínhamos visto, quasi que podiamos dizer, hontem, cheio de energia e de acção, n'uma idade que promettia vigor, e como que a saúde lhe resumbrava na face.

Morreu, e logo uma chuva de lagrimas vae estrellejar-lhe as reliquias venerandas, como se fôra uma mortalha de perolas. Partiu-se um florão brithante do diadema scientifico, baquiou nas profundezas do Cemiterio um homem de positario da luz de Deus, porque era um grande talento.

Quem não torá sentido n'alma o pezo d'esta dura realidade?!...

Quem não terá vertido lagrimas ao rememorar o nome de Monsenhor Graça?!...

Nós que temos uma alma que sente, e um coração que ama, soltamos aos ventos elegias pungentes, derramando abundantes lagrimas.

Sim, choramos porque perdemos o mestre amigo que modelava e honestava os nossos corações; dava ao espirito o seu alimento, — a ideia; ao corpo a sua formosura, — a castidade; ao coração os seus primorosos predicados, — a bemquerença e a commiseração.

E ao coração com singular desvelo se dirigia, porque sabia elle que dar azas a intelligencia é bello; mas dar amor ao coração é mais bello, e formar um character honesto, um perfeito homem de bem, é a summa belleza.

Morreu o mestre amigo que fazia seus discipulos detestarem a mentira e o embuste; execrarem as tergiversações do interesse; acatarem os escrupulosos dictames da consciencia e repellirem os fantasmas enraivecidos da inveja; não se macularem nas sórdidas voragens da devassidão, nem se magnificarem nas futeis lentejoulas do luxo; amarem os livros, o estudo, a continuada applicação proveitosa; emfim procurava dotar o coração de seus discipulos com a obstinação incorrigivel do bem e com a abominação perpetua do mal.

Morreu!... e nós alumnos do « Instituto de Humanidades » perdemos um preceptor illustrado que

nos tratava com affecto paternal que se tempera de dedicação, de firmeza e de intransigencia, mais apparente que real. Tinha sempre mais prompta a desculpa do que o castigo, sem todavia sacrificar jamais, nem de leve, a futeis e indecorosas popularidades — a integridade da disciplina collegial.

Sabendo elle que a sympathia do alumno é a primeira condição do ensino, ganhava a dedicando-se-lhe inteiro, com a doce ternura de pae, com a amizade de irmão, e com a predilecção de amigo na sinceridade dos conselhos.

Muitas vezes dizia elle aos nossos Directores: — « Estimo a estes meninos, porque são bons, são obedientes, e todos me manifestao amizade. »

De certo, o amavamos muito!... E porque não?!...

Era elle o mais acabado modelo de piedade, o exemplar mais perfeito de modestia, o amigo mais dedicado no conselho, o coração mais operoso na caridade; era elle a mais completa personificação das perfeições evangelicas.

Ah! transidos de saudades desfolhamos sobre seu sepulchro as rosas viridentes da mais pura, da mais sincera amizade.

Quanto ao mais, o futuro imparcial que o julgue.

Ao presente, orphão e reconhecido, cabe apenas choralo e render preito ás suas cinzas que são o residuo d'um ser immortal.

## Emigração

### Os Cearenses no Norte

Temos quasi certêza de que estas linhas jamais passarão sob o olhar esclarecido do illustre representante do Pará ao Congresso Federal o Sr. Dr. Hollanda Lima. Tão alto está S. Exc.<sup>a</sup> collocado que o «Ideal» ainda mesmo vacillando e tremendo se honraria bastante se lhe fosse permittido tanto subir.

Mas hoje que o ideal republicano (do qual cremos S. Exc.<sup>a</sup> um bello ornamento) nivellou o grande e o pequeno no vasto dominio do pensamento e das liberdades não desperdiçamos o nosso quinhão de direito nos atrevendo a fazer algumas considerações ao nobre deputado.

O acendrado patriotismo de S. Exc.<sup>a</sup> dictando o seu primeiro acto na Camara extravasou-se e... perdeu-se. O crime das auctoridades cearenses, do qual o nobre deputado quisera tomar conhecimento com o fim talvez de punil-o, permitta que lhe digamos, é um *crime* tradicional aqui, em nossa pobre terra. Sabe S. Exc.<sup>a</sup>, a que sentimento obdeceria o nosso honrado Governador se mandasse voltar a bayoneta a horda de emigrantes para o Norte? Conhece o nobre deputado o sentimento que impulsionou aquelle punhado de bravos abolicionistas a enrolar a vella da jangada libertadora e a trancar o porto cearense ás sansalas do Sul? Elles attentaram contra o direito de propriedade?

Nossas auctoridades não attentariam tambem contra a librdade de locomoção.

A obra da libertação dos escravos foi importantissima, foi a obra da emancipação do espirito brasileiro, e a Republica foi sua continuação; mas para o Ceará e debaixo do ponto de vista economico a opposição a emigração dos cearenses para a *hospitaleira* terra do nobre deputado, está supperior é mais necessaria, mas util.

O escravo sahia do Ceará em muito pequeno numero e o producto de seu trafico ficava na propria provincia e hoje vão-se milhares de cearenses deixando despojado o Estado e roubando braços á lavoura e á industria.

A construção da via-ferrea como toda a lavoura do Ceará resentem-se da grande falta de trabalhadores. Que fortuna, que bem nos tem trazido os raros emigrantes que voltam do opulento Estado do nobre deputado?

Vê, pois o illustre representante do Pará, que é bem justa a intervenção das nossas autoridades. E' bem justo este *crime* sempre tradicional em nossa pobre terra.

Com quanto pezar notamos nós o singular contraste entre o nosso Estado despojado e pobre com a opulenta patria do nobre deputado? Com o nosso *crime* e a nossa falta de patriotismo e o seu

bello talento e seu excesso de amor patrio?

Sentimos maior pezar ainda em não ver o nobre deputado aplicar sua illustração e seu patriotismo em pról de uma causa talvez a mais grandiosa que resta opperar-se na America do Sul — a catechese dos Indios.

Ignoramos si S. Exc. tratasse na Camara d'este grande problema. Não sabemos si já uniu seus esforços aos do illustrado conego Ullysses Pennafort para chamar ao convivio social este horda de infelizes «brasis» que vagueiam ainda aos milhares pelas florestas Amazonicas sem pão, sem luz, sem lar, sem cousa alguma, inuteis portanto para si e para a patria, entregues ao ocio e a ignorancia? Que bem, não faria S. Exc.?

Virião todos ao banquete social sem precisar *passa-porte* e o opulento Estado de S. Exc. cresceria ainda mais com o seu proprio elemento.

Permitta nosso collega d'A *Tuba* fazer nossas suas palavras: « Não seria relevantissimo serviço que prestavamos a um tempo á patria e a religião si envidassemos todos os nossos esforços para atrahir a communhão social trabalhadores vigorosos e aclimatados perdidos nos seios de nossas mattas, aproveitando a immensa força viva que se depara e se está desperdiçando n'um incalculavel numero de homens robustos? »

Responda S. Exc. e acuda ao appello do illustre sacerdote e o progresso de seu Estado será feito sem o detrimento de outro; seu patriotismo e sua illustração serão applicados digna e convenientemente.

J. C.

Com muito prazer o «Ideal» abre suas collumnas ao seguinte artigo que recebemos de um amigo:

### «O IDEAL»

Sempre, a cada passo no solo fertilissimo da historia vão se accumulando tradições gloriosas que a corrente estridente dos seculos, longe de as fazer deslustrar, pelo contrario lhes adcciona mais brilho e mais fulgor.

E' assim que sempre vai-se tornando mais fulguramente e mais bella a historia do passado a medida que o tempo vai deixando-a remota, vai destanciando-a da grande era do presente.

E o presente mira-se no passado e investe para o futuro.

E' a esta marcha gigantesca que o «Ideal» acompanha tambem.

O campo é grande e estas quatro paginas que abrangem seu nome são pequenas em formula, grandes porem na synthese de seu programma, em sua idea que é vasta

e nos ornamentos que vestem as imagens colloridas de seus artigos.

O «Ideal» é o arauto na contenda de uma idéa, em demanda a miragem da gloria. elle o filho de Guttemberg, o medeaneiro entre a mocidade e a sciencia; o soldado das luctas jornalisticas, o denodado campeão da litteratura que ha de trazer sempre em sua fachada a immortal phrase do poeta immortal — mais luz! A luz prodigiosa da imprensa que tem feito cahir a lucta fraticidade e sanguinolenta das nações civilizadas, a luz d'penna que tem destronado monarchas, sublevado povos, profiigado as iniquidades dos governos e depois com o resto de suas fulgurações traçado poemas que cantam com delirio os triumphos destas cauzas inspiradas e sanctas.

A vós, por tanto perigrinos da terra santa cumpre marchar com o «Ideal» na phalange das luctas evolucionarias da idea porque o idea perdura o não cahe.

Resta-me pois, dar-vos parabens pelo despertar moral da mocidade cujo craneo não dorme tendo um viver que não finda.

MIGUEL ANTONIO.

Abrimos espaço á seguinte carta que o nosso collega J. F. dirigiu a Eduardo Saboya, autor dos «Contos do Ceará».

EDUARDO.

Chegando de volta da Fortaleza, onde fui tratar de minha saúde, encontrei em casa um volume dos «Contos do Ceará», que tiveste a gentileza de offerecer-me.

Li de uma vez os 14 contos de que consta o teu livro e posso externar-te que apreciei muito a naturalidade da forma, a fluencia do estylo e o colorido das imagens que n'elle se encontram.

Filiaste-te á escola naturalista de E. Zola, deixando a pedantocracia de que está invadido o nosso meio litterario e imitando aquella simplicidade de expressão e selecção de imagens, que se notam nos contos de Daudet e Maupassant.

A evolução litteraria, nos ultimos tempos, tem se concentrado quasi exclusivamente no terreno da poesia, de sorte que o teu livro, escripto em prosa simples e desprestenciosa, é, por certo, uma agradável surprêza, para o circulo litterario em que vivemos. — Elle tem o duplo merito de fazer convergir para si a apreciação publica, porque, além de ser uma obra deleitavel e reveladôra de bellas qualidades artisticas, é, por outro lado,

mais preciosa ainda, descrevendo a vida tormentosa dos Cearenses, que se vão de sua terra natal em busca do *El Dourado* das inhospitas plagas amazonicas.

A belleza de imaginação, a naturalidade e correcção de phrase e sobretudo a arte com que descreves as aventuras tragicas dos Cearenses, emigrantes para o norte, são outros tantos e valiosos titulos que recommendam o teu livro á apreciação do publico exigente.

Lecomte de Lisle, como deves saber, publicou o seu primeiro livro aos 30 annos, e talvez não o fizesse a mais tempo, porque não sentisse em si a impassibilidade da poesia erudita.

Seria, pois, tarefa de nescio exigir de um mancebo de 18 annos, como tu, um livro optimista, que encerrasse muita phantazia, muita imaginação.

Releva observar que em teus Contos não encontrei o lyrismo romantico com que costumavas escrever nas dissertações escolares, e me parece que o perdeste, abraçando a sabia escola naturalista de Emile Zola.

Terminando a minha ligeira e tosca apreciação, tenho a dizer-te que prosigas sempre assim, fazendo subir á tona da publicidade um ~~como este, que significa a~~ unção de teu amor ás letras e a sagração de teu trabalho.

O teu collega e amigo

J. F.

Uruburet. 12-4-94.

## Versos

Recebemos de nosso amigo Antonio de Castro seu livro de poesias intitulado «Versos» prefaciado por Antonio Salles e edictado pela «Padaria Espiritual»

De envolta com o nosso agradecimento muito pouco temos a dizer sobre os «Versos» cuja «Ouvertura» deixou n'um bello relevo seu perfil e o de seu auctôr. Ao pegar nos «Versos» vê se logo que «Antonio de Castro é um rapaz de uma intima delicadêza de nervos», triste, nostalgico e que sua obra é uma profunda e maguada queixa.

Todos que se dirigem, pois, ao *Templo* do coração de nosso poeta ficam muito bem avisados ao penetrar no portico; «uma risada alli, diz o seu Cicerone, será uma blasphemia».

Nós que respeitamos tanto ao riso de Domocrito como ás lagrimas de Heraclito não podemos encon-

trar defeito neste livro repassado de amargos queixumes mas unguido de poesia e de amor.

O poeta conduz sua alma pela alamêda sombria da tristeza e d'ahi não a leva coberta de saudades e de maguas ao burburinho de um festim. Perfeitamente.

E a critica verdadeira e sincera jamais exigiria tamanho sacrificio. Não falem pois, estímulos ao poeta de quem muito têm que esperar a litteratura patria.

*Agradecidos.*

## CENTÊLHAS

### Luar.

Ao Alfredo Severo

*Vai em meio do azul alegre a lua cheia  
Com o ar celestial em sua face calma,  
Sozinha n'amplidão, sozinha ella se alteia  
Enviando do céu os raios de su'alma.*

*Do coqueiral oscula a verdejante palma  
Alveja mais na praia a scintillante areia  
E a onda do oceano, a onda que se acalma,  
Sua luz docemente e languida prateia.*

*Bem na extrema do mar o firmamento é turvo,  
E vê-se uma estrellinha meiga a transluzir,  
Em meio do horízonte indefinido e curvo,*

*Como um olhar suave, olhar angelical,  
E o mar-este arco azul-faz brandamente vir  
As ondas praia a fora-settas de chrystall!*

Agosto 1894

FIUZA DE PONTES

## ALVORADA

Ao André Costa

*Quando a brisa fugindo de contente  
Levar uma canção ao sol levante  
E um côro de anjinhos ternamente  
Cantarem todos juntos mui tocante*

*Hymno e vier o vento sussurrando  
E na campina brando murmurar,  
Quando a flor no jardim desabróchando  
O aroma de seu calix espalhar;*

*Quando Alva do pastor la no oriente  
Reflectir sua luz para o poente  
Despertando o canario os raios seus,*

Ergue-se a natureza em gargalhada  
Reune-se toda a muzica espalhada  
P'ra o baile que prezide o proprio Deus.

L. Ch.

## SEMELHANÇA

*Branças nuvens que, celeres, passais  
Do céu na téla indefenida e pura,  
Levadas pelas rigidas nortadas  
Alem... lá de onde nunca mais voltais,  
São como vós as illusões, coitadas!  
Vão arrastadas de uma sorte dura  
Pelos fortes e bruscos vendavaes,  
E, ai dellas! não voltam, nunca mais!*

A.

## O REGATO DO MYSTERIO

I

Longe, bem longe, da estrada que acompanha o formoso valle do\*, lá no meio da floresta silenciosa e despida na estação do verão, corre apertado entre as altas penedias da serra e entre mil barrancos profundos, cavernosos o triste e queixoso regato que tem uma historia desconhecida, e o viajor que passa longe, muito longe, cá na estrada que acompanha o formoso valle não ouve o seu brando sussurro como que um queixume plangente e terno; vehemente, forte quando elle cahe do alto de uma pedra, triste e merencoreo quando se desliza pelo alvo leito de crystal e de perolas.

II

Ah! como triste sua lenda!  
Ninguem daquellas paragens a sabia contar.

Disiam alguns caçadores que as vezes ouviam alli o som melodioso e terno de um canto que os prostava nos estos de uma felicidade perfeita, de uma alegria infinita que o peito rude do caçadôr jamais experimentara.

Outros desiam que alli se ouvia um pranto doloroso que enchia a solidão de uma tristeza pungente e fazia do sussurro da folhagem um coro de gemidos e a floresta e tudo cobrir-se de crepe e chorar amargamente tambem.

E a lenda disia que muitos caçadores enlouqueceram e foram sepultar-se nas trevas mysteriosas deste pranto!

Outros affirmavão que não! Que alli se ouvia o estampido ensurdecador de uma tempestade horrivel que abalava a montanha e fazia a floresta desequilibrada bracejar e tremer.

E elles, os caçadores, se horrorisavam e tremiam em pensar no Regato do Mystério!

Que lenda que ninguem sabia comprehender? Porque, alli reunidos a um tempo, a felicidade e o desespero, os sorrisos e as lagrimas?

Quanta incerteza!

### III

Só uma pessoa naquellas paragens, uma velhinha de cabellos brancos como a neve é que sabia deste mysterio. Um dia ella o contou:

Ella disse que aquelle regato era feito do canto, das lagrimas e do desespero de um bardo.

Que ninguem soubera porque, porem todos sabiam que elle lá vivia a desferir um canto terno e mavioso como o hymno das alvoradas; outr'ora a soltar queixumes dolorosos amargos como as torturas de um martyr e as vezes imprecações revoltantes angustiosas como as proprias vozes do desespero.

E de lá, deste mixto de tristezas e de alegrias elle desaparecera para sempre. E quando foram procural-o encontram em seu logar a fonte deste regato e seus brados perdidos na solidão da floresta.

Foi então que se soube da origem da famosa lenda do Regato do Mystério.

### IV

Nunca mais os caçadores tremaram e se horrorisaram; e ainda hoje, longe, bem longe da estrada que acompanha o formoso valle, lá no meio da floresta silenciosa e despida na estação do verão ouvesse ainda um brando sussurro como que um queixume plangente e terno; vehemente, forte quando o regato cahe do alto de uma pedra, triste e merencoreo quando se desliza pelo alvo leito do crystal e de perolas.

JOSÉ CARVALHO.

### CENONTOLOGIA

Com toda a effusão de nosso reconhecimento agradecemos ao illustre conego Ulysses Penafort a offerta que se dignou nos fazer de seu livro com o titulo acima.

A falta de espaço deixamos de emittir nossa opinião sobre esta obra, mais um trabalho de merito sahido da penna do illustrado sacerdote, o que faremos oppurtunamente.

## Raymundo Correa

E'-nos extremamente grato registrar a chegada do cantor das *Symphonias*, um dos mais fulgurantes talentos da actual geração litteraria do Brazil.

Raymundo Correa reside em Minas Geraes, onde è lente da Academia de Direiio, e ahi sabe dar expansão á sua penna de oiro, escrevendo versos de grande merito, cuja impressão que deixa, sempro deliciosa, perdura no espirito de leitor.

Conhecemol-o bastante através das suas obras de folego onde ha versos masculos, estrophes de bronze, em que palpitam a alma do poeta que tem verdadeiros conhecimentos do mysterios da arte.

O *Ideal* honra-se em dar a noticia da vinda do eminente cultor das letras e pede licença para enviar-lhe, respeitoso, o seu cartão de visita.

## O CARACTER

E' o caracter o unico attributo do homem que o torna para a sociedade objecto de veneração e respeito e para a patria justo orgulho de suas glorias.

Nada o eleva e distingue como a pureza laureada de seu caracter immaculado e austero.

Pela eloquencia elle pasma as multidões e colhe no calor febril do entusiasmo as palmas que fazem mais refulgir os reverberos de sua palavra poderosa.

Pela riqueza elle torna-se um potentado da terra, goza dos favores da fortuna e tudo se lhe curva aos pés, desconhece o acerbo do soffrimento que a miseria encerra e o pranto de dor e desespero que nasce nos revezes da vida; tudo lhe é flores.

As honras enchem de vãos entusiasmos peitos levianos e vãos de sentimentos nobres e digna altivez e nos europeis em que se envolvem muitas e muitissimas vezes patenteia-se a pequenez de sua alma.

O caracter, porem, torna-se o merecedor dos mais justos encomios devidos a sua palavra valiosa que inspira a cega confiança de um dogma de verdade.

L. Bemvindo.

## O ESCRAVO

Em uma extensa planicie coberta de uma vegetação rasteira e onde a atmosphaera estava impregnada de espessos vapores que dificultavam a respiração, passeava um homem que tinha no rosto o triste desconsolador sorriso dos condemnados.

Alli nunca fôra acalentado pelos doces trinados dos passaros ao alvorecer; e dormia embalado pelos pios lugubres do mocho. Alli nenhum manso regato com suas limpidos aguas vinha banhar aquella esteril planicie, nem a aragem amenizar com seu brando sopro; mas era banhado por immundos charcos e amenizado pelo vento pestilento dos desertos.

Na physionomia mostravam-se sulcos abertos pelas lagrimas e pelo continuo padecer; mas era pusillamine ante a autoridade de um homem que o martyrizava o qual, como elle, fôra creado para ser ligado por uma amizade fraternal.

Elle, que tinha a ferocidade de um lobo, curvava-se ante tantos soffrimentos. Elle, ente imminetemente infeliz, nunca encontrou allivio a não ser nas lagrimas refrigerio dos que padecem.

Emfim sua vida estava nas mãos de um homem que podia tiral-a no proprio momento que a julgasse inutil.

Recolhia-se em si para ver se encontrava no futuro uma consolação, mas era impossivel, porque era escravo.

Ed. Goy.

## Jornaes

Temos ultimamente recebido a «A Tuba» de Belém, a «A Era Nova» do Recife, o «O Diario» de Therezina e a «A Verdade» d'este Estado.

Agradecidos.